



---

## **A IGREJA DIANTE DA CRISE ANTROPOLÓGICA CONTEMPORÂNEA: O QUE FAZER? \***

*The Church in the face of contemporary anthropological crisis: What do?*

Henri-Jérôme Gagey \*\*

**RESUMO:** A Igreja católica e as grandes Igrejas históricas perderam sua plausibilidade nas terras da antiga cristandade: “exculturação do catolicismo”. A Igreja enfrenta a mesma crise que o conjunto de nossas sociedades pelo fato de estarmos passando por uma mudança de mundo. A modernidade conseguiu uma vitória definitiva sobre a tradição, despojando-a de sua autoridade indiscutível. Na Idade Média, a leitura de Aristóteles leva os intelectuais daquele tempo (S. Tomás) a descobrir as possibilidades da razão autônoma para abrir os caminhos ao conhecimento. Descartes enuncia o princípio da “dúvida metódica”. Kant denuncia que a maior parte da humanidade renuncia a servir-se de sua autonomia no compreender. Nas Guerras de Religião se desfaz a unidade da Europa Ocidental que o cristianismo havia garantido! Muitos concluíram a necessidade de um princípio superior, e esse princípio é a racionalidade. Era o início da descristianização. Da dúvida metódica de Descartes à audácia de pensar por si mesmo de Kant chegasse a uma cultura em que “tudo é discutível”. Mutações fabulosas das condições materiais, das possibilidades de acesso à cultura e ao exercício concreto da liberdade. Revolução cultural, provocando a generalização do individualismo, a massa solitária. Hoje não é mais possível apoiar-nos sobre algumas evidências estáveis: emancipação diante da autoridade das tradições ancestrais, desenvolvimento do espírito crítico, influência das tradições religiosas que se multiplicam e perdem sua autoridade junto às populações. O engajamento na existência já não se pode

---

\* Texto reelaborado da Conferência apresentada pelo próprio autor e promovida pela Cátedra Dom Luciano Mendes de Almeida, por ocasião do II Seminário Internacional de Teologia Prática/Pastoral, realizado na FAJE de 07 a 11 de abril de 2014, com o apoio da CAPES/FAPEMIG.

\*\* Professor de Teologia, *l'Institut Catholique de Paris*. Artigo submetido a avaliação em 20.05.2014 e aprovado para publicação em 16.06.2014.

fazer na base de simples docilidade, mas exige engajamento decidido: é preciso crer para viver, tomar uma decisão. Evangelizar é oferecer uma resposta convincente à pergunta de “como viver?”. Trata-se de encontrar novos modos de ser Igreja, “novas artes de viver” como Igreja, que correspondam à cultura contemporânea. Neste contexto, a primeira missão é reconhecer e despertar a simples fé humana que nos permite engajar-nos na vida. Deve ser reinventada a própria maneira de sermos humanos, trabalhar a “simples fé humana” que é necessária para viver. Vincent Miller propõe práticas sociais alternativas, que implicam outra relação com as coisas. Segundo Rodney Stark não basta moralizar, devem ser inventadas e operacionalizadas novas práticas. Como resistir ao “consumir mais”, a não ser aprendendo a “consumir bem”? A invenção de novas práticas sociais é a via longa, mas via curta não há!

**PALAVRAS-CHAVE:** Exculturação do Cristianismo, Autonomia da Razão, Individualismo, Fé humana, Práticas Alternativas, Evangelização.

**ABSTRACT:** The Catholic Church and the great historical churches lost their plausibility in the lands of ancient Christianity: “exculturation of Catholicism”. The Church faces the same crisis that most of our societies face by the fact that we are going through a world change. Modernity has managed a definitive victory over the tradition, stripping her of her undisputed authority. In the Middle Ages, reading Aristotle leads the intellectuals of that time (S. Thomas) to discover the possibilities of autonomous reason to open the paths to knowledge. Descartes sets out the principle of “methodical doubt.” Kant denounces that most of humanity renounces the use of their autonomy in understanding. In the Wars of Religion the unity of Western Europe that Christianity had guaranteed falls apart! Many found the need for a higher principle, and that principle is rationality. It was the beginning of de-Christianization. From the methodical doubt of Descartes to the audacity to think for yourself of Kant there comes a culture where “everything is debatable”. Fabulous mutation of the material conditions, the possibilities of access to culture and to the practical exercise of freedom. Cultural revolution, causing the generalization of individualism, the solitary mass. Today it is no longer possible to rely on some stable evidences: emancipation before the authority of ancient traditions, development of critical spirit, influence of the religious traditions that are mushrooming and lose their authority with the people. The engagement in existence can no longer be done based on simple docility, but requires decided engagement: we must believe in order to live, to make a decision. To evangelize is to provide a convincing answer to the question of “how to live?”. It’s about finding new ways of being Church, “new arts of living” as a church, which correspond to contemporary culture. In this context, the first mission is to recognize and awaken the simple faith that allows us to engage us in life. It must be reinvented the very way of being human, working the “simple human faith” which is necessary for living. Vincent Miller proposes alternative social practices, which involve another relationship with things. According to Rodney Stark it is not enough to simply moralize, there must be invented and implemented new practices. How to resist the “consume more” except learning how to “consume well”? The invention of new social practices is the long way, but there is no short way!

**KEYWORDS:** “Exculturation” of Christianity, Autonomy of Reason, Individualism, Human Faith, Alternative Practices, Evangelization.

## ***A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: o que fazer?***

*A Igreja evangeliza sempre e nunca interrompeu o curso da evangelização. Ela celebra todos os dias o ministério eucarístico, administra os sacramentos, anuncia a palavra da vida – a Palavra de Deus – e empenha-se pela justiça e pela fraternidade. E essa evangelização produz seus frutos: dá luz e alegria, oferece um caminho de vida a tantas pessoas; e muitas outras vivem, amiúde sem que o saibam, da luz e do calor resplandecentes dessa evangelização permanente. Observamos, entretanto, preocupante processo progressivo de descristianização e de perda dos valores humanos essenciais. Grande parte da humanidade hoje não encontra mais, na evangelização permanente da Igreja, o Evangelho, ou seja, uma resposta convincente à pergunta de como viver. É por isso que buscamos [...] uma nova evangelização, capaz de se fazer compreender por este mundo.*

J. Ratzinger

Nenhum determinismo indica aqui um destino. Nada seria mais enganador do que contentar-se em prolongar as curvas atuais. O que justifica, hoje, a interrogação é a marginalização das confissões cristãs nas sociedades europeias. A julgar pelas evoluções que testemunhamos desde trinta anos, é possível que o cristianismo não tenha futuro e que o século que vem seja o de sua extinção, em todo o caso nas terras europeias, que foram o cenário de sua afirmação. Mas sabemos que a história não anda em linha reta. Ela é feita, também, das reações e das respostas dos atores.

Marcel Gauchet

### ***I A questão do futuro do cristianismo***

**A**s duas citações acima, a primeira de Bento XVI, a segunda de um observador ateu, porém rigoroso e aberto ao espírito do catolicismo francês contemporâneo, apresentam bem objetivamente uma constatação da qual nenhuma pessoa preocupada com o futuro do cristianismo na França e em outros países da Europa Ocidental se pode esquivar: inúmeras pesquisas sociológicas, quantitativas e qualitativas, de seriedade dificilmente contestável, manifestam com que rapidez a Igreja católica, como, aliás, as grandes Igrejas históricas nascidas da Reforma protestante, perderam sua plausibilidade nas terras da antiga cristandade, onde se tornaram “não contemporâneas”. Os dogmas, símbolos e ritos cristãos moldaram as representações do mundo, o calendário e a organização da vida cotidiana da maioria das populações (pouco importa a firmeza de sua adesão pessoal à fé cristã). Hoje eles se apresentam com um coeficiente de estranheza impressionante, como se o catolicismo fosse apenas ainda

uma colina testemunhal, vestígio arcaico, porém capaz de ser momentaneamente reanimado, como as fumarolas ou as faíscas que surgem de um vulcão extinto no meio da paisagem que ele moldou<sup>1</sup>. A isso corresponde a fórmula chocante de Danièle Hervieu-Léger: a “exculturação do catolicismo”<sup>2</sup>. Como entender isso?

A primeira exigência para *compreender* é recusar o que se pode chamar uma interpretação “paranoica” da atual situação. De fato, é sempre maior para um corpo social, bem como para o indivíduo, a tentação de explicar as dificuldades pela maleficência de seus adversários (os de dentro e os de fora) ou pela incompetência de seus líderes. A crise que atravessamos não se deve, fundamentalmente, ao fato de certas categorias de católicos terem perdido a fé ou terem voltado as costas aos valores da Tradição cristã. Também não podemos atribuir nossas dificuldades presentes à hostilidade dos adversários da Igreja, ainda que não faltem pessoas que se alegram com seu enfraquecimento e o fomentam. Enfim, não tem mais muito sentido atribuir essas dificuldades, pura e simplesmente, ao conservadorismo institucional da hierarquia católica e à sua recusa de aplicar o programa bem conhecido das reformas que as correntes liberais sempre reclamam quanto ao acesso aos ministérios ordenados e ao alívio da disciplina eclesiástica em matéria familiar e sexual. De fato, mesmo se não se deve subestimar a necessidade de um funcionamento eclesial menos defasado em relação às exigências da cultura contemporânea, é preciso remontar bem mais longe para encarar a situação no nível certo<sup>3</sup>.

Como escreveram os bispos da França numa Carta dirigida aos católicos franceses em 1996:

*A crise que a Igreja hoje atravessa deve-se, em grande parte, à repercussão, na própria Igreja e na vida de seus membros, de um conjunto de mudanças sociais e culturais rápidas, profundas e de dimensão mundial.*

Estamos envolvidos numa mudança de mundo e de sociedade. Um mundo se esvai e outro está emergindo, sem termos nenhum modelo preestabelecido para sua construção. Antigos equilíbrios estão desaparecendo, e novos equilíbrios encontram dificuldades para se constituir. Ora, por toda a sua história, especialmente na Europa, a Igreja encontra-se profundamente solidária com desequilíbrios antigos e que pertencem à figura do mundo que passa. Não apenas ela se encontrava bem inserida nelas, mas ela contribuiu amplamente para sua constituição, enquanto nos escapa a figura do mundo que se trata de construir.

<sup>1</sup> Corresponde a isso a fórmula expressiva e muitas vezes citada de Danièle Hervieu-Léger, que fala da « exculturation du catholicisme », subtítulo de sua obra *Catholicisme français. La fin d'un monde*. Paris, Bayard 2003.

<sup>2</sup> Subtítulo de sua obra *Catholicisme français. La fin d'un monde*. Paris, Bayard 2003.

<sup>3</sup> É o que se mostra na maneira como o papa Francisco colocou novamente a questão da admissão dos divorciados recasados aos sacramentos.

Dito isso, não somos os únicos a nos esforçar para compreender o que se passa. Inúmeras pesquisas da atualidade nos campos da sociologia e da filosofia política ou sobre o futuro da cultura e das tradições nacionais mostram a profundidade das questões de nossos contemporâneos a respeito de uma situação de crise que afeta todos os setores da atividade humana (LES ÉVÊQUES DE FRANCE, 1996, p. 22).

Em outros termos, a Igreja enfrenta a mesma crise que o conjunto de nossas sociedades pelo fato de estarmos passando por uma mudança de mundo. Para me fazer entender eu gostaria de lembrar rapidamente a distinção clássica, hoje em dia, na antropologia cultural e na sociologia entre tradição, modernidade e pós-modernidade.

## *II Estamos passando por uma mudança de mundo*

### *1 O mundo da tradição*

O mundo da tradição, o mundo de antes da modernidade, é um dado estável, no qual toda realidade, em virtude de seu próprio peso, deve poder encontrar seu lugar e permanecer ali. Um tesouro de sabedoria, conservado pelas autoridades e pelos antigos, exprime a verdade do mundo e se apresenta como fundamentalmente imutável. A solução de uma crise é, normalmente, o retorno à situação anterior à crise e ao mal-estar que ela leva consigo. Quando uma criança quer entender o que ela vai ser, olha para os que são mais velhos que ela e já completaram o percurso a ser por ela percorrido. É essa estabilidade do mundo da tradição que será atacada até a raiz pela lenta emergência do princípio moderno, que pode ser descrito como o acionamento de uma razão crítica pretendendo livrar-se dos aspectos alienantes da tradição, para fazer chegar um mundo mais racional. É um processo que se acelera do século XIV ao século XIX e que se radicaliza no século XX, para dar à luz o que é chamado de pós-modernidade ou ultramodernidade e que consiste, a meu ver, em que a modernidade conseguiu uma vitória definitiva sobre a tradição, despojando-a de sua autoridade indiscutível.

### *2 O mundo da modernidade*<sup>4</sup>

A história da Europa tem sido moldada pelo encontro de três componentes principais: o pensamento racional grego, a civilização jurídico-política romana e a religião cristã. (Aqui na América, a mistura foi mais comple-

---

<sup>4</sup> Inspiro-me em Antoine VERGOTE. *Modernité et Christianisme. Interrogations critiques réciproques*. Paris: Cerf, 1999.

xa, porque nessa tripla herança que temos em comum vocês são também herdeiros da cultura ameríndia e das tradições trazidas da África, o que vos dá uma vantagem sobre nós em matéria de pluralismo.)

A lenta compenetração desses três fatores tem determinado, durante quinze séculos, a civilização europeia e teve imensa importância para a história universal da humanidade. No século XVII desenvolve-se um novo modo de pensar, de julgar, de sentir, de ver o mundo, que se afirma em diversos campos. Essa nova cultura foi qualificada de “moderna”. Ela perturbou profundamente a civilização cristã, e é essa perturbação que pretende evocar. Essa transformação, que se manifesta abertamente no século XVII, começou na Idade Média, no século XIII, quando, por intermédio dos árabes, os escritos de Aristóteles entraram no Ocidente. A leitura de Aristóteles é para os intelectuais daquele tempo, por exemplo, para S. Tomás de Aquino, um acontecimento considerável, que os leva a descobrir *as possibilidades da razão autônoma para abrir os caminhos ao conhecimento*. O monoteísmo bíblico já tinha ensinado a confiança na razão e na ordem natural criada por Deus. Mas a irrupção da ciência aristotélica reforçou essa confiança no poder da razão, porque não provém da tradição cristã, mas da tradição de um pensamento que a precede. Em outras palavras, a tradição não é o caminho exclusivo para o conhecimento.

Num primeiro momento, essa descoberta é recebida positivamente e não suscita grande perturbação. Esta sobrevém mais tarde, quando o filósofo René Descartes tira todas as consequências, enunciando o princípio da “dúvida metódica”, que corresponde à ambição de remeter em causa sistematicamente as evidências transmitidas pela tradição ou pelos sentidos, não para suprimi-las, mas para verificá-las. Essa exigência baseia-se no seguinte princípio: a tradição e as convenções sociais, mas também a percepção espontânea dos sentidos fornecem representações da realidade que podem nos enganar. Por exemplo, a tradição nos diz, e nossos sentidos nos fazem ver o mundo como se o sol girasse em torno da terra. Para alcançar certeza, é preciso questionar essas representações a partir de zero, para verificá-las por nós mesmos, usando exclusivamente nossa razão. Resulta que descobrimos que a terra gira em torno do sol.

Este princípio da dúvida metódica é radicalizado pelo filósofo alemão Emmanuel Kant, quando denuncia o fato de que a maior parte da humanidade renuncia a servir-se de sua autonomia no compreender e prefere deixar-se conduzir por algum outro, no quadro da tradição (o sacerdote, o professor, o médico etc.). As pessoas não ousam correr o risco de pensar por si mesmas e preferem preguiçosamente deixar-se guiar pelas autoridades. Essa desconfiança em relação à “condução por outrem” era motivada, de modo particular, pela incapacidade da cristandade em superar as guerras de religião. O cristianismo havia garantido a unidade da Europa Ocidental, mas de repente é em seu nome que ela se desfaz! Experiência trágica,

da qual muitos concluíram a necessidade de um princípio superior para impor a paz, e esse princípio é a racionalidade. Dali provém o início da descristianização, que tanto se acelerou depois.

### *3 Tudo é discutível*

Da dúvida metódica de Descartes à audácia de pensar por si mesmo de Emmanuel Kant chega-se a uma cultura em que “tudo é discutível”, no sentido de que nenhuma verdade pode ser tida por adquirida “se não tiver sido exposta à prova da discussão e da argumentação” (VALADIER, 1992, p. 147). Tudo se torna discutível, e este princípio tem por corolário que tudo pode ser melhorado -- desde que a gente não se satisfaça preguiçosamente com aquilo que é dado e desde que o espírito crítico fique acordado. Este princípio é, propriamente, revolucionário, e não se chegaria ao fim de descrever suas consequências. Se eu tivesse o tempo, não seria difícil mostrar que a partir dessa filosofia crítica provém, na Europa Ocidental, por uma parte, o nascimento das reivindicações democráticas e o respeito pelos “direitos humanos” e, por outra parte, o desenvolvimento econômico impressionante que a Europa e a América do Norte conheceram nos séculos XIX e XX e que hoje se estende ao mundo inteiro.

Em alguns séculos, as condições de vida das populações ficaram assim profundamente transformadas. Hoje os humanos se veem munidos de toda espécie de “próteses” que compensam suas fraquezas naturais. Guindastes, caminhões poderosas, aviões, automóveis, bombas e explosivos multiplicam-lhes as forças, enquanto a memória e a potência dos cálculos eletrônicos “externalizam” algumas de suas operações mentais. No fim das contas, a aliança entre as evoluções da medicina e o desenvolvimento das nanotecnologias anunciam o aparecimento do “cyborg”, um humano cujo corpo ficará aumentado por uma multidão de enxertos tecnológicos, que lhe multiplicarão as forças e diminuirão o desgaste. Mas o futuro já está aí, e não nos queixamos disso, como mostra a generalização do uso de próteses auditivas, óculos e outros implantes.

Trata-se de uma mutação fabulosa das condições materiais da existência dos humanos e, também, de suas possibilidades de acesso à cultura e ao exercício concreto de sua liberdade. Hoje encontram-se reunidas as condições para que a imensa maioria dos humanos saiba ler, escrever e calcular e tenha possibilidade de aceder ao patrimônio da cultura mundial. Ao mesmo tempo, generaliza-se a aspiração ao respeito dos direitos humanos e à democracia, bem como o recuo de uma submissão cega às autoridades tradicionais. Não haverá volta para trás. Em toda a parte no mundo, o modelo ocidental de desenvolvimento exerce seu poder atrativo. Ninguém quer voltar à sua cabana, onde come arroz uma vez por dia e onde proporção considerável das crianças morre com poucos anos, enquanto dá-las à luz representa para as mães um momento de alto risco.

Mas este desenvolvimento se realiza à custa do esmagamento de todas as mediações não rentáveis e de todos os constrangimentos e convenções recebidos da tradição. É o que certos sociólogos chamam o movimento de “destraditionalização”. No mundo ocidental, o calendário é massificado, nenhum dia se distingue dos outros para ritmar a semana ou o ano. Os ambientes econômicos se esforçam, por exemplo, por conseguir a extinção do repouso dominical, não por hostilidade à religião, mas para rentabilizar seus investimentos, fazendo as máquinas e o comércio girar sete dias sobre sete. Outro aspecto dessa “revolução cultural” é o aparecimento e a generalização do individualismo. Na sociedade moderna, pelo menos em tendência, o indivíduo não pertence a ninguém, somente a si mesmo. “A cada um sua vida”, como dizem os franceses. Minha vida me pertence, portanto, nenhuma instituição, nenhum corpo intermediário deve pesar na minha escolha: nem família, nem casal, nem sindicato, nem partido, nem tradições... Evidentemente, cada qual é livre para se dar uma pertença, para se engajar em solidariedades, mas isso em virtude de uma escolha pessoal, que só diz respeito a ele mesmo e que pode recolocar em questão qualquer momento. Enfim, a tendência de nossa sociedade é a seguinte: eu mesmo diante de minhas telas, TV, computador, *smartphone*. Nasce daí a imagem da massa solitária, da multidão antenada ou plugada, o que significa, no fundo, uma multidão “com coleira”, atrelada imediatamente ao sistema global. É a radicalização e a generalização dessa situação que é chamada de pós-modernidade.

### **III Pós-modernidade**

#### **1 Hoje sabemos que a terra é redonda**

Para descrever esta pós-modernidade utilizo uma imagem: “Hoje sabemos que a terra é redonda”. Explico. A representação simbólica de nossa existência não pode mais organizar-se segundo um eixo vertical que opõe céu e terra: de um lado, em baixo, um solo firme no qual se devem enraizar raízes fortes para que tenhamos o sustento para nos elevar; por outro lado, em cima, o céu. Nós sabemos hoje que somos habitantes de uma biosfera, de um ecossistema, em equilíbrio relativamente estável, mas em evolução constante, seguindo um percurso indefinido através do cosmo. Tudo está em movimento, num movimento que não tem ponto fixo ao qual se referir, pois o próprio sol se desloca. Por isso, é pouco dizer que perdemos nossas raízes, o que deixaria esperança de reencontrá-las. A própria imagem das raízes perdeu sua força. Como mostram a generalização das migrações através do mundo, a instabilidade dos casais e das famílias, o amontoamento das populações em megalópoles anônimas, longe da aldeia de seus ancestrais. Tornamo-nos flutuantes.



Não menos decisivo é o aparecimento da questão ecológica. Antigamente, a “natureza” parecia fornecer-nos indefinidamente os recursos mais básicos para viver. Hoje somos nós que devemos protegê-la. A manutenção dos grandes equilíbrios ecológicos, a sobrevivência das espécies ameaçadas, a regeneração do ar e da água dependem, doravante, de políticas conscientemente refletidas, decididas e operacionalizadas. Tudo o que, no quadro das grandes sociedades tradicionais, parecia constituir a base intocável da existência da humanidade lhe é dado hoje por tarefa; o futuro do planeta, a sobrevivência da espécie, as formas sociais da realização da diferença sexual etc. dependem doravante de decisões refletidas da comunidade humana. Há nisso algo de vertiginoso!

Fazemos a descoberta perturbadora de que, até nos comportamentos mais fundamentais de uma existência, não é mais possível apoiar-nos sobre algumas evidências estáveis, sobre um “é assim e não de outro modo”. Nenhum comportamento ético determinado pode, hoje em dia, arregar-se o prestígio da evidência.

Essa emancipação diante da autoridade das tradições ancestrais trouxe consigo progressos consideráveis nas condições de vida dos humanos. Mas esses progressos custaram um preço, que agora começamos a avaliar. Como diz o filósofo e historiador francês Marcel Gauchet: “O declínio da tradição se paga com a dificuldade de ser si mesmo. A sociedade depois da religião [...] é uma sociedade psiquicamente fatigante para os indivíduos, onde nada os ajuda nem apoia diante da questão que lhes é retornada permanentemente e por toda a parte: por que eu? Para que nascer agora se ninguém me esperava? O que eles têm contra mim? O que fazer de minha vida, se estou só para decidir sobre ela?” (GAUCHET. 1995, p. 302).

## *2 É preciso crer para viver*

No contexto da crise generalizada do princípio de tradição o indivíduo pós-moderno se vê confrontado com uma experiência paradoxal.

Por um lado, o desenvolvimento do espírito crítico enfraquece a influência das tradições religiosas que se multiplicam e perdem sua autoridade junto às populações. Todo mundo pode passar de uma a outra segundo seu gosto. Situação que vocês aqui conhecem melhor talvez do que nós na Europa, com o desenvolvimento de grupos neopentecostais e de inúmeros novos movimentos e grupos religiosos. Movimento que atinge até a França, embora seja um dos países europeus mais alheios ao pluralismo.

Por outro lado, por força do enfraquecimento da influência das grandes tradições sobre sua vida, o indivíduo descobre que seu engajamento na existência já não se pode fazer cegamente num simples movimento de docilidade às convenções sociais. O engajamento, doravante, deve-se fazer

no modo de engajamento decidido, coisa que se traduz num provérbio francês: “Il faut y croire pour vivre”, é preciso crer para viver.

Está aí, sem dúvida, o que dá a esta época seu caráter ao mesmo tempo apaixonante e fatigante: cada um deve agora buscar no mais profundo de si mesmo o recurso para realizar atos de responsabilidade. Antigamente, era possível viver e cumprir seu destino, deixando-se levar pela correnteza. Hoje, se nada o impede, é preciso tomar uma decisão. Para meus avôs, a estabilidade de seu casamento era coisa automática, mesmo que não tivessem certeza de constituir um casal feliz. A tradição os mantinha juntos. Hoje, quase cada dia, os casais jovens devem decidir novamente se vão ficar juntos. Não é o casamento que os sustenta; são eles que sustentam o casamento! Apaixonante, mas fatigante! É por isso que precisamos de sabedoria. Será que a fé cristã pode ser essa sabedoria que o mundo contemporâneo carece? Eis o que está em jogo na nova evangelização.

## IV A nova evangelização

### 1 Inventar uma nova maneira de ser Igreja

Segundo as palavras de J. Ratzinger citadas no início deste texto, evangelizar é oferecer uma resposta convincente à pergunta de “como viver?”. Ora, sabemos que o “como viver?” se tornou uma pergunta angustiante em nossas sociedades pós-modernas, nas quais viver se tornou fatigante e nada mais é evidente, enquanto se dissolveram as antigas evidências sobre as quais nos apoiávamos. Que fazer então?

Ao ler os textos preparatórios do sínodo da Nova Evangelização descobriu-se que esta não constitui um conjunto de receitas pastorais, “milagres” julgados capazes de provocar a volta à Igreja dos que a abandonaram, por meio da restauração de um catolicismo meramente devocional. Também não é uma vingança dos abusos cometidos pelas gerações anteriores, mesmo se uma volta crítica à história recente da Igreja não deve ser descartada. Tampouco é uma operação de “reconquista”, volta a um passado considerado paraíso perdido. Trata-se de encontrar novos modos de ser Igreja, ou ainda, novas artes de viver como Igreja, que correspondam à cultura contemporânea.

§ 12: Para anunciar e difundir o Evangelho, é preciso que a Igreja realize formas de comunidades cristãs capazes de articular rigorosamente as obras fundamentais da vida da fé: caridade, testemunho, anúncio, celebração, escuta, partilha. É mister conceber a evangelização como processo mediante o qual a Igreja, movida pelo espírito, *anuncia e difunde o Evangelho* no mundo inteiro,

segundo uma lógica que a reflexão do Magistério sintetizou assim: “impulsionada pela caridade, [a Igreja] 1) impregna e transforma toda a ordem temporal, assumindo e renovando as culturas. 2) Ela dá testemunho, entre os povos, do novo modo de ser e de viver que caracteriza os cristãos. 3) Ela proclama explicitamente o Evangelho, mediante o ‘primeiro anúncio’, chamando à conversão. 4) Ela inicia na fé e na vida cristã, mediante a ‘catequese’ e os ‘sacramentos de iniciação’, aqueles que se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que retomam o caminho de sua sequela, incorporando os primeiros na comunidade cristã e a ela reconduzindo os demais [...]. 5) Ela suscita continuamente a missão, enviando todos os discípulos de Cristo a anunciarem o Evangelho, *com palavras e obras, no mundo inteiro*” (*Diretório geral para a Catequese*, 15/08/1997, § 48; destaques e numeração interna meus).

Segundo este texto e muitos outros, a primeira meta da nova evangelização não é “produzir conversões”, mas a capacidade da Igreja de ser presença do Evangelho comunicando a vida. Para nós, espontaneamente, a evangelização é em primeiro lugar o ato de tomar a palavra, de anunciar uma mensagem. Certamente, este aspecto não pode de jeito algum ser eliminado, mas, para “soar certo”, deve ser situado num quadro mais amplo. Como diz o papa Francisco: “evangelizar é tornar presente no mundo o Reino de Deus” (*Evangelii Gaudium*, § 176). Ser Igreja “em saída”, como ele gosta de dizer, comporta dois aspectos indissociáveis:

- por um lado, é ser uma Igreja em que cuidamos uns dos outros: “Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amais uns aos outros” (Jo 13,35);
- por outro lado, é ser uma Igreja cujos membros cuidam dos que eles encontram e aos quais são enviados, à maneira de Jesus, como Pedro descreve no discurso a Cornélio: “Ele passava fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo, pois Deus estava com ele” (At 10,38).

Daí minha pergunta: neste mundo pós-moderno, quais são os demônios dos quais a vida em Cristo nos liberta e contra os quais ele nos protege?

## *2 Servir a simples fé humana que se deve ter para viver*

Para responder a essa pergunta, volto ao que disse anteriormente: neste mundo pós-moderno tão emocionante, todos os humanos fazem a experiência de que é preciso crer para viver! Neste contexto, a primeira missão dos portadores do Evangelho é, sem dúvida, reconhecer e despertar essa simples fé humana que nos permite engajar-nos na vida arriscando-nos no encontro com os outros. Mas crer na vida é difícil. Esta simples fé humana que se deve ter para viver está sujeita à perversão. Por isso não basta reconhecê-la e despertá-la. É preciso, ainda, encorajá-la, protegê-la, trabalhá-la, permitir que atravesse a decepção, a mentira, a perversão.

Nosso primeiro recurso, nesse sentido, está na leitura das Escrituras, porque elas são uma escola para aprender a crer na vida, para aprender a viver à prova do vazio, à prova do medo. Perguntamo-nos, às vezes, ou outros nos perguntam, em que a fé contribui. O que ela aporta de essencial não são apenas convicções acerca do sentido da vida, mas um “trabalho” para purificar nossa maneira de engajar-nos na existência, para purificar nosso modo de crer na vida e de ser fiel ao apelo do amor. Explico. cremos no amor, todos sabemos que é ele que dá beleza e grandeza a uma vida. E se cremos nisso, não é necessariamente porque somos católicos; todos nós conhecemos pessoas que pertencem a outras confissões cristãs, a outras religiões ou que não têm religião, e que creem no amor. Mas nós, cremos “bem” nele? Acaso não sabemos que se pode amar mal, que se pode amar “mortalmente”, com um amor que sufoca e destrói o outro? Nosso amor ao outro pode ser pervertido, torto. A vida cristã é uma vida trabalhada pela Palavra que nos ensina a amar bem, em verdade, colocando sob nossos olhos a imagem do amor com o qual Jesus nos amou. Eis por que, mais do que como “crentes”, prefiro hoje designar os cristãos como “discípulos”, ou seja, pessoas que se deixam “disciplinar” por seu mestre, seu Senhor.

Bom exemplo disso é o que lemos no relato da caminhada sobre as águas (Mt 14,23-33). Este texto apresenta Pedro que, à vista de seu mestre, lhe pergunta: “Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro por sobre as águas”; e Jesus responde; “Vem!”. E Pedro saiu da barca e se pôs a caminhar sobre as águas para ir a Jesus, mas vendo que o vento era forte, ficou com medo e, percebendo que começava a afundar, gritou: “Senhor, salva-me!”. Imediatamente Jesus estendeu a mão, segurou-o e disse: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”. Foi depois desse acontecimento que Pedro e os outros apóstolos reconheceram Jesus por quem ele é e puderam dizer: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus”.

Essa parábola parece-me ilustrar excelentemente o paradoxo da existência no mundo pós-moderno. Viver é lançar-se, sem apoio, sem nada firme debaixo dos pés, ao apelo da Palavra. Isso corresponde à experiência dos jovens que ousam engajar-se no casamento e ter filhos, apesar de todas as incertezas da vida. Isso corresponde à experiência dos que vão, cheios de esperança, ao encontro dos mais pobres, ou à experiência daqueles que perdoam aos inimigos. Experiência de todos os que creem na luz apesar da noite... É preciso crer -- mas, às vezes, o coração falha. Que palavra, que momentos passados ao pé da cruz, que vida comunitária têm sido para mim, no passado, e serão, amanhã, a mão que se estende e que me impede de afundar?

Tarefa importante para a teologia hoje é reencontrar uma leitura profunda e quente da Bíblia, apoiada numa experiência profunda e quente da liturgia, que permitirá a cada um encarar sua vida de frente, encarar o abismo em frente sem perder a coragem... Como vocês sabem, o pássaro voa com

as asas abertas sustentado pelo ar que ele não vê. Mas no momento que fecha as asas, cai como uma pedra. O vazio que os sustentava o aspira. O Evangelho é o Verbo, a Palavra partilhada, examinada, cantada, celebrada, consumida na comunhão, que nos faz descobrir que o vazio que nos dá medo é, de fato, enchido pelo Espírito. Ele nos ensina a voar abrindo os braços como o Cristo que os abriu na cruz.

### 3 *Inventar a sociedade*

Entramos numa nova cultura mundial, fundamentalmente “destradicionalizada” e “individualista”, não no sentido moral do termo, mas no sentido de que o indivíduo já não recebe sua identidade em função de sua pertença a uma tradição autoritária estável, mas em função das escolhas que ele faz em meio a uma multidão de propostas, das quais nenhuma se impõe a ele *imperativamente*. Doravante tudo é discutível, tudo pode ser melhorado, mas nenhuma voz pode ainda elevar-se para dizer com autoridade: “É assim e não de outro modo”. Assim, os tesouros do saber viver, acumulados pelas grandes tradições do mundo inteiro, se despedaçaram. A consequência é uma crise generalizada da constituição de identidades individuais, como se pode ver nos debates que se fazem em torno do início e do fim da vida, na precariedade crescente das uniões conjugais, na multiplicação de uniões entre pessoas do mesmo sexo, procurando fazer-se reconhecer como casamentos. A respeito de todas essas questões, e muitas outras, torna-se premente a pergunta de saber “como viver”. O que hoje deve ser reinventado é nossa própria maneira de sermos humanos. Em face dessa “dobra civilizacional”, qual é a missão que nos incumbe? Minha resposta cabe em poucas palavras, que depois desenvolverei: é preciso, como acabo de dizer, encorajar, sustentar e trabalhar a “simples fé humana”, que é necessária, hoje, para viver. Mas, ao mesmo tempo, nossa tarefa é também contribuir para a invenção e a experimentação de novas artes de viver nos campos mais fundamentais da existência.

Em *Consuming Religion*, (MILLER, 2005) o teólogo estadunidense Vincent Miller descreve como a cultura do consumo invadiu nossas sociedades, sem que as críticas insistentes que lhe são dirigidas, desde decênios, por diversas instâncias religiosas, filosóficas ou espirituais, produzam fruto. Isso acontece, diz ele, porque essas críticas a denunciam como uma ideologia à qual os humanos aderem. Ora, segundo ele, a cultura do consumo não é antes de tudo fruto de uma adesão intelectual ou moral aos princípios da sociedade do consumo, mas ela é produzida por práticas materiais e sociais: os sujeitos não aderem a ela, eles são “fabricados” no seio dela como consumidores, por processos sociais e econômicos nos quais eles são presos e que Miller descreve minuciosamente. Daí vem, diz Miller, a ineficiência dos apelos éticos a resistir à ideologia ou até à idolatria da cultura do consumo. Ora, se essa cultura é um processo de formação dos indivíduos, não basta opor-lhe protestos indignados. É preciso opor-

-lhe práticas sociais alternativas, que implicam uma outra relação com as coisas e permitem fazer emergir novos modos de ser humano em nossas sociedades destradicionalizadas.

É nesse sentido que vai o americano Rodney Stark, sociólogo da religião, quando reflete sobre as razões do que ele chama de “crescimento do cristianismo”, segundo o título de um de seus livros traduzidos em francês (STARK, 2013). O autor aponta o seguinte: quando os primeiros cristãos, apoiando-se na rede de sinagogas helenistas da diáspora, empreenderam divulgar o Evangelho e a visão do humano que ele comporta, não o fizeram tentando dar a força da Lei às normas que eles consideravam sábias e racionais, portanto “naturais”. Eles o fizeram operacionalizando, inventivamente, práticas sociais que davam à sua visão humana forma de realização concreta e eficiente na *pólis*. Ele mostra dois exemplos particularmente sugestivos:

- Em primeiro lugar, a atitude da nova religião em relação às mulheres, protegendo-as contra os abusos de que eram vítimas no quadro do paganismo. Isso implicava por um lado a interdição, entre os cristãos, do infanticídio das meninas, então frequente numa sociedade que valorizava a descendência masculina, como é o caso ainda hoje em algumas partes do mundo. Por outro lado, implicava também a recusa da prática do aborto, que significava naquele tempo um verdadeiro açougue para as que o sofriam.
- O segundo exemplo descrito na obra é o da compaixão e solidariedade que os cristãos demonstravam em relação às populações vítimas das grandes epidemias que devastavam o Império romano no fim do século II e no início do III. Atitude que, segundo o autor sublinha, era estranha à moralidade do paganismo naquela época.

Na colocação deste autor duas coisas me interessaram: 1) sua consideração geral da maneira como uma tradição religiosa pode moldar uma cultura pela operacionalização de práticas sociais inovadoras de acordo com suas convicções; 2) seu interesse particular no efeito civilizador específico do cristianismo quanto à relação com a racionalidade e à promoção da dignidade da pessoa humana.

Levar a sério o que Stark diz não prova nada e não serve para fazer uma apologética do gênio do cristianismo (Stark, aliás, não se apresenta como cristão, mas como agnóstico). Porém, suas observações desenham uma via para imaginar nossa missão hoje; engajar-se na invenção e operacionalização de práticas sociais inovadoras, sem estar “no comando” da sociedade. Diante de uma ordem ameaçada e carente de defesa, a Igreja não deve considerar-se como guardião, fulminando interditos, mas como espaço que contribui para a invenção de novas artes de viver, que são solicitadas, hoje, por um mundo globalizado e destradicionalizado.

A urgência hoje é contribuir com a reinvenção de formas de “saber viver” nos campos mais fundamentais da existência: vida de casal, educação dos filhos, consumo dos bens etc. Em todos esses campos andamos um pouco perdidos, testemunhas de diversas catástrofes, que terminam devastando existências. Essas catástrofes, nós o sabemos, não são causadas simplesmente por falhas pessoais. Se, nas grandes cidades da França, uma de cada duas uniões conjugais se desfaz, não é simplesmente porque nossos contemporâneos supostamente se tornaram hedonistas viciados, que só pensam em seu prazer. As razões são coletivas. Estão ligadas à transformação de nossas condições existenciais, às pressões que se exercem sobre nós no campo das condições de trabalho, da moradia, do acesso às novas tecnologias etc.

Eis por que não basta moralizar. Eis por que não basta, tampouco, propor um aprofundamento espiritual sobre o sentido da fidelidade. Em todos esses campos devem ser inventadas e operacionalizadas novas práticas para os que se lançam na aventura do casamento, da paternidade e da maternidade, a fim de dar novamente consistência à união conjugal e à responsabilidade paternal num mundo em que estes valores foram tão conturbados – e ao mesmo tempo idealizados.

Outra sugestão: como resistir ao furor do “consumir mais”, que acaba quebrando tantas pessoas? Contra essa catástrofe é preciso inventar formas de vida que sejam mais sóbrias, menos grudadas na aquisição e no consumo de objetos. Com efeito, não basta gritar “sempre menos” para resistir ao “sempre mais”. Não basta moralizar. Certamente, somos em parte cúmplices dessa cultura do consumo do qual percebemos os efeitos nefastos nas existências pessoais e coletivas. Mas trata-se de muito mais do que de escolhas pessoais. Estão em causa os costumes coletivos e a estruturação de uma sociedade, e isso nos ultrapassa. A resistência não pode ser somente individual. Ela passa pela invenção e instituição de novas práticas sociais. A única maneira de resistir aos comportamentos que a sociedade nos impõe e que fazem de nós consumidores adictos é inventar e propor novas “artes de viver”. De fato, como podemos resistir à pressão do “consumir sempre mais”, a não ser aprendendo a “consumir bem”?

A invenção de novas práticas sociais é a via longa, mas via curta não há! Se isso for vero, então deveremos, sem dúvida, aprender a considerar a Igreja não mais como guardiã de uma ordem ameaçada e a defender, metida a fulminar interditos, mas como um espaço no qual, sobre as ruínas de tradições caducas, se inventam, na escuta da palavra do Evangelho, novas artes de viver. Parece-me que o gênio do papa Francisco consiste em iniciar com generosidade esta nova maneira de ser Igreja.

*(Tradução do original francês: Johan Konings)*

## **Referências**

ÉVÊQUES DE FRANCE. *Proposer la foi dans la société actuelle. Lettre aux catholiques de France*. Paris: Éditions du Cerf, 1996.

GAUCHET, M. *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985.

GAUCHET, M. *Un monde désenchanté?*. Paris: Les Éditions de l'Atelier, 2004.

HERVIEU-LÉGER, D. *Catholicisme français. La fin d'un monde*. Paris: Bayard 2003.

MILLER, V.J. *Consuming Religion. Christian Faith and Practice in a Consumer Culture*. New York/London: Continuum, 2005.

STARK, R. *The Rise of Christianity*. San Francisco: Harper 1997.

STARK, R. Le triomphe de la raison: Pourquoi la réussite du modèle occidental est le fruit du christianisme. Paris: Presses de la Renaissance, 2006.

VALADIER, P. Chances du message chrétien. *Concilium*, Paris. v. 28, n. 244, p. 147-154, 1992.

VERGOTE, A. *Modernité et Christianisme. Interrogations critiques réciproques*. Paris: Éditions Du Cerf, 1999.

**Henri-Jérôme Gagey** é padre diocesano. Atualmente é decano da Faculdade de Teologia do Instituto Católico de Paris.

**Endereço:** Institut Catholique de Paris

21, rue d'Assas

75006 Paris – França

hj.gagey@icp.fr